

FOUCAULT: A HETEROTOPIA COMO ALTERNATIVA PARA PENSAR O ESPAÇO SOCIAL

Dirceu Arno Krüger Junior¹

Resumo: Michel Foucault (1926 – 1984) escreveu, em sua estadia na Tunísia (1967), um texto denominado “Outros Espaços”, publicado sob a sua autorização apenas em 1984. Neste escrito, o autor desenvolve um conceito inteiramente original: o de heterotopia. Esta ideia consiste em explicar a confluência dos espaços na sociedade, isto é, como uma proposta de se pensar o entorno a partir das diferentes residências temáticas (hospitais, escolas, bibliotecas, etc.) que são alicerçadas nele e que descrevem uma relação, em que estes mesmo lugares predominam um sobre o outro e sobre a vida dos indivíduos.

Palavras-Chave: Filosofia Francesa; Heterotopia; Espaço Social; Sujeito; Estética.

Abstract: Michel Foucault (1926 - 1984) wrote, during his stay in Tunisia (1967), a paper called "Other Spaces", published under its authorization only in 1984. At this work, the author develops an entirely original concept: the heterotopia. The mainly idea is to explain the confluence of spaces in society. In other words, Foucault emphasizes the environment thought, based on different thematic homes (such as hospitals,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: dirceu.junior@ufpel.edu.br.

schools, libraries), the relationship that happens in these locations and what predominate over each other and the life of the individuals.

Keywords: French Philosophy; Heterotopia; Social Space; Subject; Esthetic.

INTRODUÇÃO

A noção de heterotopia, a partir dos estudos realizados por Foucault, permite pensar a realidade do espaço social, através da ideia da representação de lugares temáticos (prisão, hospital, escola, biblioteca, etc.), que compõe o entorno da sociedade. O que o autor compreende como heterotopias de crise, de desvio, de compensação, consistem em formas de se analisar o campo sociológico a fim de compreender como é possível que espaços existentes, dentro deste mesmo campo, possam se relacionar consigo mesmos e, ainda assim, desenvolverem uma concepção acerca da vida dos indivíduos e as transformações sociais concernentes a seus respectivos cotidianos. Dos exemplos utilizados pelo Filósofo para embasar sua hipótese referente à heterotopia, ele estudou-a, num deles, sob a ótica do espelho como um tipo de projeção ilusória que, em si mesmo, consegue projetar duas realidades em um mesmo espaço de tempo. O sujeito que se reflete nele e que vislumbra uma certa manifestação imaginária de si próprio, acaba por "duelar" sem perceber com a realidade compartimentada pela figura fantasiosa que circunda o espelho. Destarte, o tom experimental deste texto foucaultiano permite que se indague e se reflita sobre o conceito de heterotopia como possibilidade alternativa para se compreender a dimensão do espaço social, e de como ele abriga e aproxima diferentes espaços que constituem a existência humana e a celebram em toda a sua complexidade. Neste segmento, é importante ressaltar que Foucault diferencia a noção de utopia em relação à heterotopia. Ele argumenta que a utopia, em uma perspectiva analítica, designa um espaço

irreal, o qual não poderia ser concretizado no espaço sociológico; a heterotopia, por sua vez, revelaria a possibilidade de manifestar esse mesmo espaço imaginado em um espectro social.

Para sua dissertação, Foucault cita a escola e a instituição militar como maneiras de atuação da heterotopia nos entremeios sociais, pois, segundo ele, esses espaços eram utilizados antigamente como formas de se expressar a própria sexualidade fora do constructo concernente à família. Esta categoria é intitulada por Foucault de "heterotopia de crise", o que segundo a Filosofia Foucaultiana, protegeria veementemente o vínculo e a Cristandade representada pelo âmbito familiar, sendo este um “contingente puro” e livre de qualquer ameaça ao bem-estar moral presente neste mesmo recinto. Ainda nesta lógica de prevenção do espaço moral, não apenas observando o arcabouço familiar, pode-se evocar a outra tentativa de Foucault de discorrer acerca das contradições que integram a constituição do espaço dito social. Apresenta-se, assim, outra classificação respectiva ao estudo do conceito de heterotopia: a heterotopia de desvio. Na qual a heterotopia secciona os espaços onde estão inseridos os indivíduos que destoam da norma vigente presente no *status quo*, deste modo, os residentes das clínicas psiquiátricas, os detentos de uma prisão, ambos são personagens que vivem em perfeita assimilação com a sociedade normalizada, para utilizar um termo foucaultiano, logo, na mesma medida em que estas pessoas são excluídas do campo social, elas, ao mesmo tempo, o preenchem e contribuem para a sua estruturação. Em outros termos, são dois sítios habitados pelos mesmos sujeitos. Isso seria uma experiência de nível mais prático para se pensar a possibilidade teórica que propõe a concepção de heterotopia.

Muito além dessas áreas classificatórias heterotópicas, Foucault investiga outros locais que também engendram o conteúdo proposicional situado na abstração da heterotopia: as bibliotecas e os museus, pois estes são

o que o pensador denomina de superfícies atemporais presentes na História da Civilização, a partir do entendimento que estes lugares transcendem o próprio tempo e que convergem em seus núcleos parte da aclaração no tocante ao desenvolvimento do pensamento e do comportamento humano. É interessante ressaltar que Foucault também enquadra uma classe da heterotopia mais breve (e conseqüentemente menos duradoura) que intercepta as festas, as feiras, ou seja, como lazeres passageiros relacionados à humanidade. Retomando a acepção de heterotopia, que corresponde à intersecção dos espaços situados dentro da sociedade, a relação introspectiva entre eles, pode-se sustentar que a ideia em questão pode contribuir na ponderação e no reconhecimento do espaço social, incluindo as relações humanas que permeiam essas mesmas zonas de convívio e de transmissão comunitária entre os indivíduos.

Este estudo será realizado a partir da análise do real e do surreal contida na premissa da heterotopia, na intersecção dos espaços residentes na sociedade como o cemitério e o navio, duas heterotopias desenvolvidas por Foucault para exemplificar as ilusões que são permitidas dentro do tópico encabeçado pela noção de heterotopia. Foucault, nessa perspectiva, oferece um esboço interessante no que se pretende como modo de se reflexionar acerca do entorno social e problematizar as ordens que o estabelecem como “espinha dorsal” do que é a loucura e a desrazão, bem como do que é o normal e o anormal, na mesma instância quanto ao que se elabora como norma social vigente.

1. A HETEROPIA E A SOCIEDADE

Contextualmente, Foucault afirma que a preocupação com o espaço na sociedade foi um fenômeno decorrente da Idade Contemporânea que, após a Revolução Científica, na Modernidade, tendo o exemplo de Galileu, passa-se

a pensar o espaço social no prisma de sua interioridade, do que acontece ao redor dele e com os indivíduos que o compõe, como disserta Foucault:

Ora apesar de todas as técnicas nele investidas, apesar de toda a rede de saber que permite determiná-lo ou formalizá-lo, o espaço contemporâneo talvez não esteja ainda inteiramente dessacralizado – diferentemente, sem dúvida, do tempo em que ele foi dessacralizado no século XIX. Houve, certamente, uma certa dessacralização teórica do espaço (aquela que a obra de Galileu provocou), mas talvez ainda não tenhamos ainda chegado a uma dessacralização prática do espaço [...] (2015a, p. 430).

Pode-se refletir que a teoria foucaultiana em relação à heteropia problematiza a relação que existe entre o espaço e o ser humano na base da virtualidade dessa mesma relação, de forma a pensar o campo temático desse mesmo local (a escola, por exemplo) e a própria projeção do indivíduo referente ao mesmo. Um dos exemplos que concretiza essa tese de Foucault versa sobre o espelho e o indivíduo. O espelho, em sua projeção virtual e ilusória, apresenta uma manifestação utópica e encapsulada do reflexo humano, na ocasião de um agrupamento hermético e limitado. Mas, paradoxalmente, apesar de concentrar esse ilusionismo, o espelho possibilita o resgate da imagem humana evocada em suas paredes e, conseqüentemente, promove a experiência de unir duas realidades completamente alternativas em seu jogo, pois: “o espelho, afinal, é uma utopia, um lugar sem lugar” (FOUCAULT, 2015a, p. 432). É importante ressaltar a distinção que Foucault faz da concepção de utopia e da ideia de heterotopia: a utopia concerne à expressão de um lugar irreal, sendo que a heterotopia proporcionaria a junção destes dois lugares (um real e irreal) incorporados dentro do mesmo espaço de simbologia, neste caso, o exemplo pertinente ao espelho.

O autor desenvolve as concepções de duas outras formas de heterotopia que auxiliam na compreensão da estrutura do espaço social: a heterotopia de crise e a heterotopia de desvio, na pretensão de se pensar a

sociedade a partir das estâncias² que a povoam. A heterotopia de crise, como descreve Foucault: “tem sofrido com um desaparecimento desde o século XIX” (2015a, p. 433) e exemplifica-se através da escola, do quartel militar. Os exemplos mencionados por Foucault descortinam toda uma preocupação com a sacralização da residência doméstica, no que tange a exploração da própria sexualidade dos garotos dentro do ambiente escolar como uma forma de não “desonrar” a casa onde vivem³. Da mesma forma, há também o comentário referente às mulheres que iniciavam suas experiências sexuais fora de seus domicílios em um lugar próprio, como os vagões de trens e casas especializadas nestes “encontros sexuais”. É interessante observar como a manutenção da pureza do recinto familiar foi fomentada através do auxílio da chamada heterotopia de crise, o lar da família, como um campo domiciliar e puro, não pode comportar tais atos que possam comprometer sua estabilidade doméstica e religiosa. Percebe-se, então, todo um discurso em relação à higienização da própria sexualidade como sustentáculo na preservação da casa onde a família reside e vivencia suas experiências:

Não se deve a sexualidade, como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, entre jovens e velhos,

² Os lugares onde as relações sociais acontecem como a escola, as bibliotecas, os museus, os hospitais, as residências domésticas, são locais onde o comportamento social é o elo de ligação entre as pessoas que os constituem.

³ Deve-se conceber aqui a crítica que Foucault realiza em relação ao discurso da sexualidade observada a partir do corpo social constituído pela burguesia. Pois, sabe-se, que a sexualidade tornou-se para este segmento da sociedade uma das formas mais eficazes de se higienizar e otimizar o corpo do proletariado na tentativa de se obter uma máxima performance de produção. Em *História da Sexualidade, vol. I: A Vontade de Saber*, de 1976, o autor disserta sobre o comportamento sexual da família burguesa, quanto aos cuidados em relação à sexualidade dos filhos e da saúde da vida sexual dos pais. Correspondente à otimização do corpo do proletariado com fundamento na higienização de sua própria sexualidade, o livro *A Verdade e as Formas Jurídicas* (1973), discute a possibilidade de se medicalizar as virtualidades do corpo sexual do proletário, partindo de uma higienização profunda de seu corpo.

entre pais e filhos, entre educadores e alunos, entre padres e leigos, entre administração e população. Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias (FOUCAULT, 2013, p. 114).

No que compete a heterotopia de desvio, Foucault analisa os indivíduos que desviam da norma⁴ vigente na sociedade, ou, que subvertem o *status quo* e preenchem os hospitais psiquiátricos, as prisões, as casas de repouso, estes lugares integram os sujeitos que, de alguma forma, acomodam as impropriedades⁵ que causam a instabilidade social. Como Foucault pronuncia no tocante a heterotopia de desvio: “aquela na qual se localiza os indivíduos cujo comportamento desvia em relação à média ou à norma exigida” (2015, p. 433). Pode-se conceber que, com o critério da heterotopia de desvio, de reclusão dos desviantes, que, ao mesmo tempo, que se exclui um indivíduo considerado socialmente desviante, mantém-se o mesmo nas extremidades da sociedade. Logo, a ideia de uma heterotopia direcionada para um desvio é que é possível manter um ser humano que transgride a norma social e, concomitantemente, continua residindo na mesma sociedade que o enclausura. Esse paradoxismo é curioso para se meditar quanto ao entroncamento possibilitado pelos locais, presentes na sociedade, e que interferem e produzem saberes em relação às pessoas que os habitam, ou seja, no mesmo campo sociológico onde se encontram as residências das famílias, as escolas, que constituem essa comunidade, encontram-se também os manicômios, as prisões, com indivíduos “transviados” e que se recusaram a continuar a sustentar a normatividade subsidiada pelo *status quo*: “É importante

⁴ Como disciplina, de acordo com o verbete estudado por Judith Revel em seu *Dicionário Foucault*.

⁵ No sentido de, por exemplo, os loucos que comportam a desrazão em si próprios destituem a moderação que é disseminada pela figura da razão. As casas de repouso comportam os idosos que já não podem produzir de maneira maximizada, na tentativa de sustentar a economia de uma sociedade, assim como representam a ociosidade que é condenada veementemente pela norma social.

para ela (sociedade) que seus inimigos sejam dominados, que não se multipliquem. Portanto, é importante apoderar-se deles, impedi-los de prejudicar” (FOUCAULT, 2015b, p. 32).

Então, a heterotopia de crise proporciona essa ponderação acerca da ideia que estes espaços sociais (escola, manicômio, prisão) não estão tão longe uns dos outros e, de alguma maneira, eles se contemplam pelo fato de retratarem diversos convívios e histórias seculares da perpétua relação entre o indivíduo e a sociedade. Exclui-se determinado sujeito, entretanto, mantém-se o mesmo por perto, vigiado e dominado como profere Foucault: “É também por exclusão que termina de constituir-se e de fechar-se em si a individualidade como suporte de uma qualificação jurídica e religiosa que define o puro e o impuro” (2014b, p. 162).

Outras duas heterotopias sintetizadas na abstração foucaultiana sobre o tema da heterotopia vinculam-se a um encadeamento com o tempo: a permanência e ao “consumo” deste. A primeira categoria de heterotopia específica a atemporalidade dos museus e das bibliotecas que são verdadeiros centros orientados à História da Civilização Humana. Foucault interpõe que estas áreas personificam o que há de mais duradouro na criação humana: o conhecimento. Esses espaços mantêm-se, unilateralmente, bem como estabelecem todo um constructo do pensamento humano que dialoga abertamente com todas as épocas pertencentes à epistemologia do indivíduo. Presentes na sociedade, os museus e as bibliotecas descortinam toda a grandiosidade contida na experiência do conhecimento realizada pelo sujeito:

[...] Museus e bibliotecas são heterotopias nas quais o tempo não cessa de acumular e de se encarapitar no cume de si mesmo, enquanto no século XVII, até o fim do século XVIII ainda, os museus e as bibliotecas eram a expressão de uma escolha individual. Em compensação, a ideia de tudo acumular, a ideia de constituir uma espécie de arquivo geral, a vontade de encerrar em um lugar todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir

um lugar de todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a ideia de constituir um lugar de todos os tempos que esteja ele próprio fora do tempo, e inacessível à sua agressão, o projeto de organizar assim uma espécie de acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar que não mudaria, pois bem, tudo isso pertence à nossa modernidade (FOUCAULT, 2015a, p. 436).

Este trecho do texto *Outros Espaços* solidifica a teoria da heterotopia como forma de interligar espaços que se encontram em “períodos” diferentes. Nesta ocasião, a biblioteca e o museu oportunizam a concretização do tempo nos manuscritos e nos objetos que preenchem os espaços no interior destes lugares, contando uma história que parece consideravelmente distante de quem nunca a vivenciou. Um flerte entre a Antiguidade e a Modernidade, assim como entre a Modernidade e a Contemporaneidade: “a heterotopia tem o poder de justapor em um só lugar vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis” (FOUCAULT, 2015a, p. 435).

A heterotopia designada a prática superficializada do uso do tempo como as festas, as feiras, simboliza uma outra concepção deste conceito foucaultiano sobre a representação dos espaços: “são heterotopias não mais eternizadas, mas absolutamente crônicas.” (FOUCAULT, 2015a, p. 436). Essa classe de heterotopia transparece o que há de mais passageiro e “próprio para o consumo” na sociedade, pelo uso compartimentalizado do tempo, a ausência de profundidade associada às práticas e a duração dos eventos que ocorrem nestas feiras e festas manifestam o que há de mais fortuito e instantâneo que o comportamento humano pode engendrar. Esta singularidade presente nestes eventos, dessa natureza de heterotopia, narra o desejo do indivíduo de eternizar o tempo assentado em um acontecimento transitório da vida humana. Pode-se admitir, dessa forma, que as heterotopias são intrínsecas à existência dos indivíduos que fundam o entorno social e esboçam um recorte de um momento único e definitivo das vivências humanas:

O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda a linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar (FOUCAULT, 2007, p. 23).

Assim, o conceito de heterotopia permite a reflexão do mundo segundo os variados espaços temáticos que estão firmados no campo social, desde o hospital psiquiátrico até a biblioteca. Acarretando a dessacralização do que pode ser considerado como espaço privado (residência familiar) e como espaço público (cemitério), desenvolvendo a intersecção do religiosamente particular e da coletividade: “Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos” (FOUCAULT, 2015a, p. 430).

1.1 O REAL, O SURREAL E O ESPAÇO SOCIAL

Como demonstrado na heterotopia do espelho, de unir um espaço irreal (o interior do espelho) e um espaço real (o indivíduo que é refletido por ele), a realidade e a irrealidade são fatores que permeiam a concepção pertinente a heterotopia e possibilitam uma reflexão ao nível transcendental sobre os espaços que compõe o entorno social. Dois exemplos que materializam essa propriedade de unir o real com o surreal, tal como o espelho, referem-se à heterotopia concernente ao cemitério e a heterotopia do navio. A heterotopia do cemitério permite, nos entremeios de sua subjetivação, pensar não somente o espaço ilusório do cemitério como uma forma de “resguardo da vida”, mas também como um paradoxismo referente à própria ideia de vida e de morte pela intersecção que o cemitério proporciona a estes dois âmbitos. Antigamente, os cemitérios eram construídos nos centros das grandes cidades acarretando em uma confluência das moradias que residiam na cidade e nos

diversos túmulos, criptas e mausoléus que integravam as paredes internas dos cemitérios. Foucault dialoga sobre o crescimento urbano e o surgimento dos grandes cemitérios nas cidades no texto *O Nascimento da Medicina Social* de 1974, presente na compilação *Microfísica do Poder*:

Nasce o que chamarei de medo urbano, medo da cidade, angústia diante da cidade que vão se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e fábricas que estão se construindo, do amontoado da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo, também, das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam cada vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das caves sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de se desmoronar (2014a, p. 154).

Foucault, ao analisar este tipo de heterotopia, confronta a noção das famílias que viviam em suas casas e das famílias enterradas dentro dos mausoléus dos cemitérios, sendo que, neste segundo momento, a propriedade social relacionada à família também era perpetuada na moradia funesta dos cemitérios. Mais uma vez, há a interligação da representatividade proposta pelo heteropia na estruturação, e também a leitura, do espaço social como um lugar que abriga pessoas, famílias e filosofias pertinentes às concepções de vida e de morte. Somente após algum tempo, com a remodelação do campo sociológico, que os cemitérios passaram a ocupar as grandes periferias existentes na cidade, mesmo assim, com esta mudança, a heterotopia da vida e da morte manifestada pelo cemitério e pelas residências familiares não deixa de produzir o eterno embate da mortalidade versus a imortalidade no pensamento da memória perpétua que existe no cerne da construção monumental do cemitério. Socialmente e urbanamente analisando, o cemitério também desencadeou, no século XVIII, e posteriormente no século XIX, toda uma preocupação com relação à higiene pública e ao “contato direto” da morte como uma espécie de “medo social” com fundamento nas consequências

embutidas na própria morte como disseminadora de doenças e males que pudessem vir a arruinar a harmonia do entorno social:

Em todo caso, foi a partir do século XIX que cada um teve seu direito à sua pequena caixa para sua pequena decomposição pessoal; mas, por outro lado, foi somente a partir do século XIX que se começou a colocar os cemitérios no limite exterior das cidades. Correlativamente a essa individualização da morte e a apropriação burguesa do cemitério nasceu uma obsessão da morte como “doença”. São os mortos, supõe-se, que trazem as doenças aos vivos, e é a presença e a proximidade dos mortos ao lado das casas, ao lado da igreja, quase no meio da rua, é essa proximidade que propaga a própria morte. Esse grande tema da doença disseminada pelo contágio dos cemitérios persistiu no fim do século XVIII; e foi simplesmente ao longo do século XIX que se começou a remoção dos cemitérios para a periferia. Os cemitérios constituem, então, não mais o vento sagrado e imortal da cidade, mas a “outra cidade”, onde cada família possui sua moradia sombria (FOUCAULT, 2015a, p. 435).

Interpretando este exceto do texto *Outros Espaços*, constata-se a remodelagem do espaço social a partir da movimentação dos cemitérios das grandes áreas urbanas para as periferias das cidades. A preocupação é remetida ao cuidado do corpo social com o não-contato em relação a procedência negativa advinda do cemitério (a insalubridade, a doença, o medo, etc.), logo, o espaço social precisou reajustar-se a esta transformação perpetrada pela lógica funesta do cemitério “separando” a morte da vida e transpondo a primeira para uma nova morada, mesmo assim, não excluiu completamente a ideia de heterotopia proposta pela “cidade compartimentalizada” que incide no cemitério; os “outros indivíduos” e as “outras famílias” que preenchem as criptas dos cemitérios ainda “povoam” o mesmo campo social que as outras famílias que “desfrutam da vida” neste mesmo recinto que é a sociedade. A genialidade da concepção de heterotopia é a de unir espaços que seriam impossíveis, a partir de uma lógica em uma realidade encapsulada e hermética como a da Civilização Humana:

Enfim, o último traço das heteropias é que elas têm, em sua relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois polos extremos. Ou elas tem o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada (2015a, p. 437).

Retomando o exemplo da heterotopia do espelho, onde a realidade e a surrealidade são duas constantes irrefutáveis, dentro do constructo epistemológico defendido pela noção de heterotopia, tem-se o cemitério que propõe a ideia de dois mundos: o da vida e da morte em um mesmo campo social. Onde o espectro da morte inunda o pensamento das pessoas que compõe este espaço, duelando constantemente com a vida que tende a se amedrontar com a iminência da morte presente na estrutura do cemitério. O cemitério, portanto, é a moradia individualizada do sujeito quando este morre e que passa a não mais participar da urgência representada pela vida e de seus meandros.

Outra demonstração de heterotopia explanada por Foucault é a do navio, onde este estando “perdido” na incomensurabilidade do mar, se embrenha em uma busca pelo desconhecido com destino a um lugar inóspito e desconhecido: “O navio é a utopia por excelência. Nas civilizações sem barcos, os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários” (FOUCAULT, 2015a, p. 438).

Neste caso, concebe-se a materialidade do mar e da terra, onde se situa o mar e a ilusão oportuna consagrada pelo navio, como um transporte suplantado por toda uma grandiosidade, o supracitado mar, que busca um destino desconhecido. Por conseguinte, dois espaços, o mar e o navio, que se interligam e formam uma heterotopia em uma encruzilhada de áreas separadas por suas singularidades, pois o navio, como uma ilusão levada pelo mar, a qual permite a realização de aventuras e mistifica toda uma história sobre terras nunca antes desbravadas. Como em *História da Loucura*, quando Foucault traz a

*Nau dos Loucos*⁶, como o lugar onde se “depositam” os alienados que fogem a norma social e precisam ser deslocados e reclusos da sociedade que necessita ser perfeitamente adaptada à normalidade categórica do *status quo*:

Mas de todas essas naves romanescas ou satíricas, a *Narrenschiff* é a única que teve existência real, pois eles existiram, esses barcos que levavam sua carga insana de uma cidade para outra. Os loucos tinham então uma existência facilmente errante. As cidades escorraçavam-nos de seus muros; deixava-se que corresse pelos campos distantes, quando não eram confiados a grupos de mercadores e peregrinos. Este costume era frequente particularmente na Alemanha: em Nuremberg, durante a primeira metade do século XV, registrou-se a presença de 62 loucos, 32 dos quais foram escorraçados (2013, p. 9).

Dessa forma, é possível pressupor o conceito de heterotopia de desvio, na formulação proposta pela heterotopia do navio na obra *Nau dos Loucos*, onde os alienados são retirados do espaço social e reposicionados na heterotopia do navio que viaja sem rumo pelo mar. Limpando a sociedade de sua mácula correspondente a desrazão, caracterizado pela figura do louco, mantendo a propriedade do *status quo*, permitindo que a norma abasteça a lógica de normalidade que subsidia o campo sociológico e mantém a “estabilidade” entre os indivíduos que compõe esta mesma área. O navio, na obra de arte em questão, tem a especialidade de livrar a sociedade da anormalidade que a loucura evoca e impossibilita o processo de normalização dos residentes do entorno social. Por conseguinte, a heterotopia do navio, assim como a heterotopia de desvio, coteja as concepções de realidade e surrealidade descrevendo as ações do espaço social e estruturando as relações de poder que constituem a vida dos indivíduos em sociedade.

⁶ O *Navio dos Loucos* ou *A Nave dos Loucos* é um quadro do artista holandês Hieronymus Bosch (1450 – 1516) onde é representado um grupo de loucos à deriva no mar, sendo estes completamente afastados do convívio social com os ditos “cidadãos normais”. É interessante observar a forma como a loucura era apresentada no Período Clássico com a surrealidade imperativa na figura do louco, pois a loucura é responsável por desligar completamente o indivíduo da realidade tomando sua presença insuportável pela total ausência de razão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heterotopia, como propõe Foucault no texto *Outros Espaços*, é um esboço para se pensar a confluência dos espaços residentes na sociedade, não uma teoria determinante sobre como estruturar este mesmo espaço. Como o título deste trabalho supõe: é uma alternativa para se pensar esse campo sociológico que subsidia a vida, o pensamento e o comportamento dos indivíduos que firmam esse mesmo sítio. A possibilidade de se pensar a compatibilidade desses locais como as casas, as escolas, os museus, as bibliotecas, os navios e até o próprio espelho, descortinam toda a possibilidade de consonância destes espaços que remontam parte da História da Civilização Humana e suas criações.

Foucault permite a reflexão de como a intersecção entre as variadas residências temáticas na sociedade influenciam a subjetividade e a estrutura do pensamento humano, pois tentam aprisionar o tempo em suas construções seccionadas e que forcejam a acumulação de toda a epistemologia humana em suas categorias (História, Geografia, Arqueologia, Antropologia, etc.). Com a ideia de heterotopia, não existem limites entre o que é a realidade e o que é ilusório no espaço social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. **Os anormais (1974 – 1975)**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **História da sexualidade, vol. I: a vontade de saber**. 23 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013a.

_____. **História da loucura na Idade Clássica.** 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013b.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** 4 ed. Rio de Janeiro: Nau, 2013c.

_____. **Microfísica do Poder.** 28 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014a, pp. 143 – 170.

_____. **Aulas sobre a vontade de saber (1970 – 1971).** São Paulo: Martins Fontes, 2014b.

_____. **Ditos e escritos, vol. III – estética: literatura e pintura, música e cinema.** 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a, pp. 428 – 438.

_____. **A sociedade punitiva (1972 – 1973).** São Paulo: Martins Fontes, 2015b.

REVEL, J. **Dicionário Foucault.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.